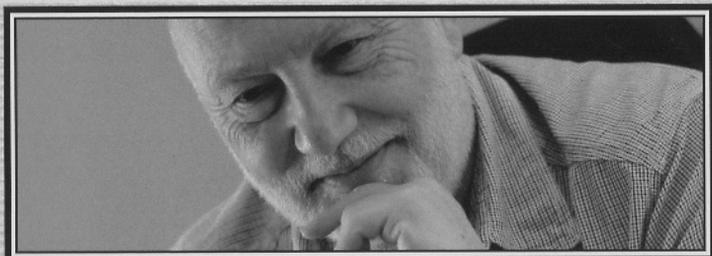


DOMENICO DE MASI



UMA SIMPLES REVOLUÇÃO

*trabalho, ócio e criatividade
— novos rumos para
uma sociedade perdida*



SEXTANTE

Título original: *Una semplice rivoluzione*
Copyright © 2016 por Rizzoli Libri S.p.A.
Copyright da tradução © 2019 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Yadyr Figueiredo
preparo de originais: Raphani Margiotta
revisão: Ana Grillo, Hermínia Totti e Luis Américo Costa
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Victor Burton
imagem de capa: Regis Filho / Valor / Agência O Globo
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M366s Masi, Domenico De
Uma simples revolução / Domenico De Masi; tradução de Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
368 p.; 16 x 23 cm.
Tradução de: *Una semplice rivoluzione*
ISBN 978-85-431-0681-6
1. Trabalho. 2. Sociedade. I. Figueiredo, Yadyr. II. Título.

18-48750

CDD: 301

CDU: 316

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Sumário

Introdução	9
Tempo	14
Apocalipse	20
2999	23
Ondas	26
Chip.....	34
Celular.....	39
Computador	43
Network	47
Fábrica.....	50
Mercado	56
Globalização.....	62
App	69
Libertação.....	74
Revolução	81
WW	88
Reeducação.....	93
Joanesburgo	98
Hemofilia	104
Gazela.....	109
<i>Manager</i>	112
Paradoxos	115
Horas extras.....	119
Trabalho remoto	125

Neet	131
Não trabalho	134
Paraíso.....	140
Repouso	144
Grand Tour	148
Turismo.....	152
Entretenimento.....	156
Las Vegas	159
Férias	165
Ócio.....	168
Estupidez	174
Criatividade.....	177
Idiotas.....	182
Gênios	186
Equipe	188
Vale do Silício.....	194
Casual.....	198
Digitais.....	201
Família	206
Nomadismo.....	209
Informação	212
Países	215
Pólis.....	217
<i>Pulp</i>	223
Previsões.....	226
Sanremo.....	228
TV.....	232
Stakhanov	236
Limite	240

Desequilíbrios	246
Migrações	249
Cleóbulo.....	256
Retração	261
Heller.....	265
Segurança	270
<i>Welfare</i>	273
Botão	278
Política	281
Políticos.....	284
States.....	290
Terceira via	293
Agressividade	301
Certezas	307
Orla.....	310
Descaramento	313
Riqueza	316
Significado	318
Simpatia	320
Solidão	326
Desaparecimento	329
Édipo	333
Beleza	337
Estética.....	339
Design	342
<i>Iki</i>	347
Complexidade	349
Método.....	356
Simplicidade.....	362

Celular

A minha infância foi povoada por figuras dotadas de onipresença e de invisibilidade. Professores fantasiosos, párocos fabulosos, tias educadas pelos clássicos da coleção “Scala d’oro”^{*} contavam-me sobre duendes e fantasmas invisíveis de pequenos monges, capazes de aparecer de repente, nas circunstâncias mais inesperadas, para espiar sem serem vistos, para prevenir contra perigos iminentes, para anunciar boas-novas, para fornecer números da loteria; santos que voavam de uma parte a outra da Terra, capazes de levitar no escuro e de se materializar temporariamente em vários lugares; anjos da guarda capazes de estar ao mesmo tempo no céu, junto de Deus, e na Terra, vigilantes e discretos, às minhas costas.

Então, depois dos deuses do Olimpo, todos dotados de invisibilidade e onipresença, depois dos hipogrifos, dos elfos e duendes, da literatura de Ariosto e Mozart, vieram os heróis das histórias em quadrinhos – Mandrake, Batman, Fantasma –, todos prodigiosamente invisíveis e onipresentes, graças a virtudes mágicas ou a velocidade e destreza fora do comum.

Até que chegaram às telas receptoras de imagem, grandes e pequenas, os encontros destes últimos – com efeitos especiais e personagens virtuais capazes de atravessar paredes de aço e migrar de um planeta a outro, sem força da gravidade, lançados como mísseis com propulsores nucleares.

Por 800 gerações, do homem de Neandertal ao meu avô, a onipresença e a invisibilidade permaneceram como um patético sonho humano, um

^{*} Coleção de livros clássicos ilustrados publicados na Itália na década de 1930 e voltados para o público infantil. (N. da E.)

delírio de onipotência idêntico àquele que nos fazia almejar a extinção da fome, da dor, da fadiga, da morte.

Depois, quase de repente, pelo menos nos países ricos, a dor foi suplantada com os analgésicos, a fome foi suplantada com a produção em massa, a fadiga foi suplantada com o robô.

E a invisibilidade? E a onipresença? O rádio nos permitiu prolongar o ouvido; a televisão, prolongar a visão, mas ambos, antes do advento do transistor, nos obrigavam a ficar pregados em determinado lugar, diante de um aparelho ao mesmo tempo mastodôntico, mágico e doméstico, do qual emanavam palavras, sons e imagens provenientes de mundos desconhecidos e distantes. Nós, permanecendo fixos e perfeitamente localizáveis, recebíamos mensagens enviadas de fontes distantes, mas também localizáveis e fixas. Éramos Batmans acorrentados.

Nesse limbo, suspenso entre permanência e onipresença, só na última década do século XX, de repente, o celular apareceu.

Lembro o momento preciso em que o reconheci: por ocasião dos campeonatos mundiais de futebol, uma senhora, fã do patrocinador da grande festa, exibia, vistosamente, um aparelho celular, despertando perplexidade, suspeita e inveja em nós, que não tínhamos um daqueles nem sabíamos que já estávamos na mira das propagandas subliminares. As quais, incitadas pelo demônio renascente da privatização, da competitividade e do lucro, atiraram-se sobre nós, possível público-alvo, com um posicionamento agressivo e lisonjeiro jamais visto. Durante uma década, a toda hora de todos os dias e todas as noites, fomos assediados por spots, por páginas e por cartazes publicitários que nos impeliam a nos alistar no exército dos onipresentes: marianos e sapos, louras famosas e putas crioulas foram convocados, com o objetivo de instigar o nosso antigo delírio de onipotência até a aquisição do celular e a assinatura de um plano.

Prometeram-nos invisibilidade e onipresença. E cumpriram, com todos os possíveis inconvenientes derivados delas. Se no tempo da Guerra de Troia existisse o celular, com certeza algum Aquiles o teria esquecido ligado na barriga do cavalo, pondo a perder todo o estratagema do astuto Ulisses.

Já nós, insaciáveis passageiros consumistas do fim de século, graças às diabruras do pequeno, dócil e mágico celular, podemos nos conectar de

qualquer lugar com seja qual for o ponto do planeta sem que o nosso interlocutor saiba onde, realmente, nos encontramos. Para os nativos digitais, o fato não desperta surpresa, mas para nós, imigrantes digitais, apresenta todos os traços do mágico e do milagroso.

As potencialidades dessa nova diabrura são infinitas, e todos nós as inauguramos: novas piadas; formas de adultério mais arriscadas; suportes inesperados para golpistas e comerciantes; naufragos salvos das águas; prováveis vítimas de estupro providencialmente avisadas do perigo de emboscada; amantes reunidos em ocasiões fugazes que antes da era do celular teriam sido desperdiçadas; donas de casa prontas para adicionar a massa à água no momento certo, a fim de obter o perfeito cozimento. Mas, acima de tudo, a possibilidade enfim oferecida ao empresário de trabalhar sempre e em qualquer lugar – nos trens, no banheiro, nos quartos, até mesmo nos próprios escritórios – sem se ausentar nunca da função.

Hoje uma população de bilhões de usuários, destinados em breve a duplicar e triplicar sob o impacto das campanhas publicitárias, pode, enfim, falar de amor ou de trabalho em qualquer lugar e a qualquer hora, sem pudor e sem receio, convencida de estar invisível até mesmo ao companheiro de trem ou de restaurante, que o vê muito bem e, portanto, o ouve.

O coração do celular é aquele cartão pequeno e dourado que inserimos no aparelho com um gesto já rápido e eficaz. Aquele cartão contém um microprocessador que, pela lei de Moore – de que já falamos –, duplica a sua potência a cada 18 meses e que daqui a uma dezena de anos será centenas de bilhões de vezes mais potente que o atual.

Assim, os pequenos celulares crescem, embora permaneçam aparentemente pequenos. Se antes nos permitiam falar com qualquer pessoa, de qualquer lugar, agora nos possibilitam também ouvir música e rádio, ver televisão e filmes, entrar em contato com tudo e com todos por meio da internet, localizar-nos, localizar nossos amigos e inimigos na Terra, os astros e os aviões no céu, jogar, cumprir tarefas, organizar viagens e aventuras, reservar um avião ou um carro fúnebre.

Passamos a confiar ao celular nossa memória e nosso senso de orientação. A sua presença torna cada vez mais difícil adquirir hábitos considera-

dos naturais ao gênero humano mas ignorados pelo progresso tecnológico: preservar a privacidade, isolar-se, perder-se, esquecer, ignorar, entediar-se. O roteirista Ennio Flaiano dizia que nos horários de pico é impossível até mesmo praticar o adultério. Imagine o que diria hoje!